

REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA DE ALICE WALKER: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Renata Gicelly de Farias Bezerra¹
Salette Maria Bernardo dos Santos²

RESUMO: O presente artigo busca, por meio da análise do conto Roselily, publicado na obra “De amor ao desespero: Histórias de Mulheres Negras” (1967), de Alice Walker, analisar questões ligadas ao silenciamento da mulher negra, sob a ótica dos estudos interseccionais e do Feminismo negro. Como teoria, utilizaram-se os escritos de Patricia Collins (2016, 2020), *Bell Hooks*, (2015, 2019), Pierre Bourdieu (2012), entre outros. Buscou-se fazer um batimento entre teoria e análise para compreender o funcionamento de uma sociedade patriarcal na construção da narrativa em estudo. Como resultados apontamos tanto a importância das escritas realizadas por autoras negras como fator de transgressão para a literatura hegemônica, como as contribuições do feminismo negro e da interseccionalidade para um estudo mais sólido sobre a personagem Roselily.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher negra, literatura de autoria feminina negra, Interseccionalidade, patriarcado.

THE REPRESENTATION OF BLACK WOMEN IN ALICE WALKER’S WORK: A STUDY OF GENDER, RACE AND CLASS

ABSTRACT: This article seeks, through the analysis of the short story Roselily, published in the work “From love to despair: Stories of Black Women” (1967), by Alice Walker, to analyze issues linked to the silencing of black women, from the perspective of intersectional studies and black feminism. As a theory, the writings of Patricia Collins (2016, 2020), bell hooks, (2015, 2019), Pierre Bourdieu (2012), among others, were used. We sought to create a balance between theory and analysis to understand the functioning of a patriarchal society in the construction of the narrative under study. As results, we point out both the importance of writing by black authors as a factor of transgression for hegemonic literature, as well as the contributions of black feminism and intersectionality to a more solid study of the character Roselily.

1 1 Doutoranda pela Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLL, da Universidade Federal de Alagoas. Membro do grupo de pesquisa Disenso. E-mail: rgicelly@yahoo.com.br

2 Profa. Esp. Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas- UNCISAL. Membro do grupo de pesquisa Disenso.

KEYWORDS: Black woman, literature written by black women, Intersectionality, patriarchy.

Alice Walker: A história de uma mulher negra

“Por favor, lembrem-se, especialmente nesses tempos de pensamento de grupo e de julgamento coletivo: ninguém (...) exige seu silêncio ou nega seu direito de crescer e ser percebida como plenamente realizada, como você pretendia. Ou menospreza de alguma maneira os dons que você se esforça para trazer ao mundo.”

Alice Walker 3

Nascida em 1944, em Eatonton, Georgia, Alice Walker é uma escritora e ativista negra que participa ativamente de diversos movimentos sociais, como, por exemplo, o Movimento dos Direitos Civis, o conflito Israel/Palestina, o Movimento contra a mutilação genital feminina, entre outros. E seu ativismo contribuiu e fortaleceu sua vida enquanto escritora, pois em suas narrativas literárias ela busca dar visibilidade e voz às minorias, em especial, às mulheres negras, pois, para Walker, a literatura é um ato político: “A ideia de que você possa fazer arte sem mensagem política ou social é absurda, mas querem nos dizer isso porque sabem que os povos do terceiro mundo, especialmente, as mulheres sempre terão algo crítico a dizer” (GELEDES, 2011). 4

3 WALKER, Alice. Em Busca De nossas mães nos jardins. São Paulo. Editora Bazar do tempo, 1983, p. 36.

4 WALKER, Alice. Literatura e ideologia: uma entrevista com Alice Walker: Entrevista concedida ao Portal Geledés. Disponível em <https://www.geledes.org.br/literatura-e-ideologia-uma-entrevista-com-alice-walker/> 14/08/2011. Acesso em 24 de setembro de

É autora de diversos livros, dentre eles destaca-se ‘A cor púrpura’, de 1983, ganhador do prêmio Pulitzer e National Book Award. Esta obra foi adaptada para o cinema em 1985, com direção de Steven Spielberg, e recebeu 11 indicações ao Oscar. Outro livro importante foi ‘Rompendo o Silêncio’, de 2011, no qual Walker traz as impressões que teve de suas viagens a Ruanda e Congo, na África, e Israel e Palestina, no Oriente Médio, regiões que foram assoladas por conflitos políticos, guerra e genocídios.

Para este artigo, analisaremos o conto Roselily, que faz parte da obra “De amor e Desespero: Histórias de Mulheres Negras”, de 1967. Trata-se de um livro que tem uma temática de grande relevância e visibilidade pois traz de maneira singular histórias de mulheres que, com experiências distintas, problematizam a condição da mulher negra da época. Nas temáticas abordadas pela autora, destacam-se a objetificação dos corpos das mulheres negras, o racismo, a opressão e a violência.

Com seu estilo peculiar de escrita, Alice Walker mostra a consciência de que a mulher negra é um referente discriminatório na vida e na ficção e faz com que as narrativas sejam comprometedoras com a verdade histórica de sua raça, que por tantos séculos foi apagada, negando aos negros e negras seu lugar de protagonista e não somente os brancos enquanto colonizadores, pois como afirma Bell Hooks em:

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito — a voz liberta. (HOOKS, 2019, p. 38)

2023.

Por isso, seu compromisso com questões raciais, de gênero e sociais, no qual evidencia o comportamento enviesado de uma sociedade que nos desumaniza, pois para Hooks (2019), vivemos “um estado patriarcal supremacista branco que, historicamente, tem se recusado a ouvir as vozes de pessoas negras marginalizadas em busca de justiça” (HOOKS, 2019, p. 135).

Os textos de Alice Walker são bastante variados, mas têm em comum as raízes ancestrais e herança cultural dos negros e negras, estabelecendo-a como uma autora de intensa sensibilidade na qual combate à discriminação de seus povos, no que tange às questões feministas, econômicas e sociais. Desse modo, à luta da libertação da raça negra recriando experiências num esforço de escrever contra a fragmentação de suas origens, sobre perdas das raízes culturais e em favor do fortalecimento de uma identidade coletiva da mulher negra: “acredito que sempre que alguém tenta transmitir às pessoas uma percepção da realidade comum, elas vão querer ler e ouvir a esse respeito.” (GELEDÉS, 2011) 5

Entre ausências e presenças: Vozes negras na literatura

A história nos mostra que sempre foram os homens, sobretudo, homens brancos, que criaram regras e leis, dominando espaços importantes da sociedade. E com a literatura não foi diferente. A supremacia masculina dentro da literatura vigorou por séculos e se materializou tanto pela presença de escritores, como pela construção de personagens que ocupavam posições centrais nas histórias como heróis, guerreiros,

5 WALKER, Alice. Literatura e ideologia: uma entrevista com Alice Walker: Entrevista concedida ao Portal Geledés. Disponível em <https://www.geledes.org.br/literatura-e-ideologia-uma-entrevista-com-alice-walker/> 14/08/2011. Acesso em 24 de setembro de 2023.

etc.

Face à história da opressão que as mulheres viviam num contexto sócio-histórico das relações de gênero, a presença da mulher na literatura era pensada e legitimada a partir de uma ótica masculina que delegava a elas papéis impostos pela sociedade patriarcal, inscrevendo-as assim em posição secundária. Isso naturalizou os processos de dominação masculina que, segundo Bourdieu (2012), podem ser compreendidos como formas de ‘violência simbólica’:

[...] no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou do sentimento. (BOURDIEU, 2012, p. 110)

Desse modo, a relação desigual do patriarcado que, conforme Bourdieu é uma ‘estrutura de dominação social’ (BOURDIEU, 2012), seria constituída de mecanismos de relações de poder de nossa sociedade que tem a função de fazer a ‘manutenção da ordem social’ em favor de um lado apenas. Essa dominação social se estende também para as autoras femininas, pois o saber, tido como algo relacionado ao poder, foi privado das mulheres, que sempre tiveram no silêncio uma imposição de base falocêntrica, por isso a dificuldade de reconhecimento da literatura de autoria feminina.

De fato, até meados do século XIX, muitas autoras utilizavam estratégias para que suas obras fossem lidas, assinando-as com pseudônimos, siglas ou um nome masculino. A escritora britânica Virginia Woolf (1882-1941), por exemplo, chegou a utilizar o recurso do pseudônimo, no entanto, depois de aceita pela sociedade como es-

critora, assinou suas obras com seu nome e ainda passou a publicar textos em defesa das escritoras, buscando sobretudo a libertação e reconhecimento da escrita: “para um homem ainda é muito mais fácil do que para uma mulher dar a conhecer suas opiniões e vê-las respeitadas, caso tais opiniões prevaleçam no futuro, continuaremos num estado de barbárie semicivilizada” (WOOLF, 2012, p.51).

Um outro exemplo foi Rachel de Queiroz, com a obra ‘O quinze’ (1930), que fora questionada por leitores, críticos e escritores sobre a veracidade da sua própria autoria. Graciliano Ramos à época disse que, como mulher, ela não teria capacidade: “realmente causava assombro (...) mulher nova! Seria realmente de mulher? Não acreditei. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. (Ramos, 1962, p.133)

Observa-se então o quão difícil foi para a mulher ter o seu espaço na literatura. Por isso, a escrita de autoria feminina pode ser considerada como uma transgressão, um gesto revolucionário de produção genuína e necessária tendo em vista a pluralidade dos leitores.

No que tange à literatura de autoria feminina negra, temos um tipo de produção literária que traz, como mostra Moritz (2020), “experiências vividas e narradas pelas mulheres negras [que] permitem criar uma interlocução repleta de diferentes vozes sobre diferentes versões da verdade, a fim de remontar coletivamente uma história” (Moritz, 2020, p. 64-65). Por isso, essa escrita deve ser vista como uma literatura com especificidades, uma vez que seus temas são apresentados de um lugar de fala muito próprio. Bernd (1988) considera que essa literatura:

[...] não se atrela nem a cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um EU enunciador que se quer negro. Assumir a condição negra e enunciar o discurso em 1º pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos.” (BERND, 1988, p.21)

A autora destaca ainda que a criatividade de escrever um texto de um modo “negro de ver e sentir o mundo”, numa linguagem específica, desconstrói uma história que foi por tanto tempo moldada pela cultura branca e que surgiu com diferentes partes advindas de múltiplas perspectivas. Entende-se, portanto, que esse tipo de escrita, pode ser compreendida como uma forma de “preencher vazios criados pela perda gradativa de identidade determinada pelo longo período em que a cultura negra foi considerada ‘forada-lei’, durante o qual a tentativa de assimilar a cultura dominante foi o ideal da grande maioria dos negros.” (BERND, 1988, p.22)

Com efeito, se observarmos o modo como as mulheres negras são retratadas em diferentes textos literários, vamos verificar que geralmente elas são representadas como personagens historicamente à margem da sociedade branca, a saber, escravas, domésticas, prostitutas, entre outras. Há de se ressaltar ainda que a objetificação de seus corpos como outro fator recorrente, pois, como ressalta Evaristo (2005):

Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. (EVARISTO, 2005, p. 2).

Evaristo (2005), ao discorrer sobre a presença da mulher negra na literatura, permite compreender questões étnico-raciais inscrevem as personagens negras naqueles lugares à margem da sociedade. Para a autora, as formas de discriminação em torno da mulher negra na literatura não alcançam somente personagens negras, mas também autoras negras, que por muito tempo foram ignoradas do cânone literário. A própria Conceição Evaristo foi um exemplo desse processo: ela só teve reconhecimento décadas depois do início de suas produções. Hoje, a autora é uma das grandes representantes da cultura negra brasileira.

De nossa posição de pesquisadores das ciências da linguagem, entendemos que a literatura também se constituiu como um espaço machista e racista. Daí a necessidade de reparação histórica, especialmente, em relação à autoria feminina negra: é preciso romper com o silenciamento historicamente produzido em torno das vozes de mulheres negras e quebrar estereótipos ligados à raça e gênero dentro da literatura.

E relação às formas de circulação da literatura de autoria negra, observa-se que há uma tendência de se produzir narrativas pessoais para dar a conhecer experiências não conhecidas pela maioria. Acerca disso, Evaristo (2017) desenvolveu o conceito de “escrevivência” que, segundo a autora, pode ser compreendido como:

[...] um conceito, que tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida

com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (EVARISTO, 2017)⁶

Ao formular o conceito de “escrevivência”, Evaristo criou condições para que a voz (coletiva) das mulheres negras pudesse ser ouvida. Em outras palavras, a autora deu visibilidade às vivências como mulher negra, historicamente marcadas pelos efeitos da exploração da escravidão, trazendo à sua escrita relatos e memórias até então inaudíveis. Trata-se de uma forma inovadora em relação ao modelo ocidental, na medida em que se passa a teorizar de forma diferente. Tal diferença pode ser observada nas narrativas singulares, muitas vezes autobiográficas, quebrando assim o considerado status de uma escrita ‘correta’ pela crítica literária.

Para Christian (2019), essas novas formas de produção literária tendem inscrevem a voz das mulheres negras como uma extensão da coletividade, e que por isso “ser capaz de usar a extensão plena da própria voz, tentar expressar a totalidade do ‘eu’, é uma luta recorrente na tradição das escritoras [negras]” (CHRISTIAN, apud COLLINS, 2019, p. 203). A autora destaca ainda que o negro e a negra teorizam:

de forma bastante diferente do modelo ocidental de lógica abstrata. Inclino-me até a afirmar que o nosso teorizar (e eu uso aqui intencionalmente o verbo em vez do substantivo) aparece frequentemente em nossas

6 TV BRASIL, Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural (programa completo), Youtube, 12/06/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em: 02 de agosto de 2023.

formas narrativas, nas histórias que criamos, em adivinhações e provérbios, nos jogos de linguagem, que o dinamismo de ideias parece nos agradar mais do que qualquer rigidez. Se não fosse assim, como teríamos conseguido sobreviver com tanta inspiração a ataques aos nossos corpos, nossas instituições sociais, nossos países, nossa humanidade, enfim? (CHRISTIAN, 2002, p.85)

Isso permite compreender as dificuldades da mulher negra em se impor dentro da crítica literária, que distorce realidades e vela preconceitos:

Na maioria dos casos, as sujeitas negras radicais desafiaram intencionalmente o status quo e nadaram contra a corrente. (...) Aque-las de nós [mulheres negras] que permanecem em instituições que não apoiam nossos esforços de ser sujeitas radicais são atacadas diariamente. (HOOKS, 2019, p. 122)

Alice Walker (WALKER, apud COLLINS, 2019) vê no reconhecimento da escrita literária da mulher negra um sentido especial à medida que recupera memórias, saberes e histórias sempre apagadas e relegadas a um esquecimento, o que fortalece outras escritoras negras: “escrevo não apenas o que quero ler - entendendo de forma plena e indelével que, se não o faço, ninguém tem interesse ou capacidade tão vitais de fazê-lo a ponto de me satisfazer, mas também todas as coisas que eu deveria ter tido condições de ler” (WALKER, apud COLLINS, 2019, p.49).

Entendemos assim que uma literatura escrita por mulheres negras inaugura e fortalece um novo/outro cenário para a produção literária além do cânone. Esse movimento produz uma arte transgressora e revolucionária que recupera as ideias dessas mulheres, valoriza suas experiências e ressignifica de suas ideias.

Feminismo Negro e Interseccionalidade

Christian (2002), em seu artigo a “Disputa de teorias”, discorre sobre as restrições que as feministas hegemônicas fazem em relação à definição do que é ‘feminismo’. Para a autora, essa perspectiva exclui a maioria das mulheres não brancas, ignorando ou tratando de modo irrelevante temas como raça, classes sociais e origens étnicas. Neste cenário da produção literária, a pesquisadora ressalta ainda a importância do Movimento das Artes Negras dos Anos 60 que “resultou na criação conceitual dos Estudos Afro-Americanos, abrindo um espaço dentro da universidade onde se podia participar do resgate da história e da cultura afro-americanas e repassar isso a outros/as” (CHRISTIAN, 2002, p.95). No âmbito deste movimento, os estudos se concentravam em discussões sobre as vidas dos negros e negras, resgatando sua ancestralidade, indo contra a visão de estudiosos ocidentais que viam suas ideias como universais.

O advento do feminismo negro também se coloca como uma conquista importante nesse processo de visibilidade da escrita feminista negra. Consistindo em “ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras” (COLLINS, 2016, p.101), o feminismo negro, compreendido como um movimento social, questiona o lugar da mulher na sociedade de um modo não homogêneo e não único trazendo a raça como instrumento primordial de defesa e de luta, sem deixar de considerar outras questões como o sexismo, questão estrutural de nossa sociedade que coloca a mulher, negra principalmente, como subordinada ao homem. Para Collins (2016), há diferentes premissas ligadas à construção do feminismo negro:

Primeiro [...] enquanto o pensamento feminista negro pode ser registrado por outras pes-

soas, ele é produzido por mulheres negras. Segundo a definição assume que mulheres negras defendem um ponto de vista ou uma perspectiva singular sobre suas experiências e que existirão certos elementos nestas perspectivas que serão compartilhados pelas mulheres negras como grupo. Terceiro que, (...) temas universais que são incluídos nos pontos de vista de mulheres negras podem ser experimentados e expressos de forma distinta por grupos diferentes de mulheres afro-americanas. Por último, a definição pressupõe que, embora o ponto de vista de mulheres negras exista, seus contornos podem ainda não se dar de forma clara para as próprias mulheres negras. (COLLINS, 2016, p. 101-102)

A partir das palavras da autora, podemos compreender o feminismo negro como um espaço seguro para que mulheres negras tragam suas experiências do seu próprio ponto de vista, podendo auxiliar outras mulheres negras acerca de sua condição feminina em seus diferentes papéis, como mães, profissionais, estudantes, etc. Assim, entender a condição da mulher negra na sociedade produz o efeito de fortalecimento deste grupo social contribuindo para seu desenvolvimento social: com o feminismo negro tomamos conhecimento de que não há, necessariamente, diferenças entre as mulheres enquanto gênero, mas que há, sobretudo, diferenças sociais que demarcam esse mesmo gênero.

De acordo com Collins (2016), esses marcadores (de raça, gênero, classe, etc.) devem ser estudados e trazidos para o debate para fortalecer a luta da mulher negra, pois “o pensamento feminista negro contém observações e interpretações sobre a condição feminina afro-americana que descreve e explica diferentes expressões de temas comuns” (COLLINS, 2016, p. 102).

Em seu processo de constituição, o feminismo negro lutou pela inclusão de pautas referentes à mulher negra, que não foram tidas como importante pelo feminismo

hegemônico. Referimo-nos aqui, especialmente, ao entendimento da mulher negra e seu lugar numa sociedade na qual a subjugação impera e o feminismo hegemônico é o único que tem algum espaço como representação do sujeito-mulher. Em relação a essa hegemonia, hooks pontua que diversos grupos de mulheres têm sido incapazes de falar porque (2015):

não compreendem plenamente a inter-relação entre opressão de sexo, raça e classe ou se recusam a levar a sério essa inter-relação. As análises feministas sobre a sina da mulher tendem a se concentrar exclusivamente no gênero e não proporcionam uma base sólida sobre a qual construir a teoria feminista. Elas refletem a tendência, predominante nas mentes patriarcais ocidentais, a mistificar a realidade da mulher, insistindo em que o gênero é o único determinante do destino da mulher. (HOOKS, 2015, p. 207)

A partir da década de 80, as organizações feministas negras avançaram nas discussões

e lutas sobre as pautas específicas como, por exemplo, a opressão e o racismo. Neste cenário, o movimento negro foi fundamental para as reivindicações, fortalecendo e mostrando que o feminismo negro não é algo para se temer, mas para entender, respeitar e apoiar.

Hooks (2019) destaca também os estudos e as lutas realizadas pelo feminismo negro mostrando o protagonismo das mulheres negras, a partir do lugar de fala ao qual elas pertencem. Para isso, a autora embasa contribuições advindas de estudos com uma perspectiva que abre espaço para quem sofreu opressões coloniais, como os estudos interseccionais, em que podemos perceber um reconhecimento da raça e do gênero para suas teorias.

O conceito de interseccionalidade foi idealizado pela teórica Kimberlé Crenshaw

em 1989 e, tem sido muito utilizado em diversos estudos para explicar, por exemplo, que fatores como gênero, raça e classe são necessários para tratar a experiência de um indivíduo, no nosso caso sobre a mulher negra. A partir da perspectiva interseccional, compreendemos que é necessário mudarmos o modo como percebemos as lutas sociais das mulheres negras. Para Crenshaw (2004), interseccionalidade é:

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2004, p. 7).

Collins (2020), por sua vez, também ressalta a importância de um olhar interseccional ao dizer que é necessário pautar políticas que contemplem toda a diversidade, sem universalizar grupos ou luta, rompendo assim com a atual estrutura social hegemônica:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais cotidianas. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e se afetam mutuamente. (COLLINS, 2020, p.272)

A partir do exposto, podemos compreender que a ascensão da escrita feminina negra resulta de processos sociais e epistemológicos que se alinham à luta das mulheres negras pelos seus direitos e pela sua voz, no cenário contemporâneo. E o feminismo negro e a interseccionalidade fortalecem essa ascensão, pois nessa escrita “encontramos a descrição do território, a escrita com reforço nos sujeitos com a criação de personagens sem reforçar estereótipos”, (SALGUEIRO, 2020, p. 102) mostrando personagens que advêm desde a escravatura, na qual sofriam a opressão dos brancos, até os dias de hoje, no qual se mostram de modo transgressor, como pôde ser percebido na obra de Alice Walker.

Assim, estudos numa perspectiva interseccional auxiliam a entender a história da mulher negra de modo não eurocêntrico, abrindo caminho para que elas tenham papel social relevante, trazendo a oportunidade de um des/silenciamento, o que é determinante para uma representatividade no processo de desconstrução atribuídos a grupos marginalizados. Desse modo, o estudo da autoria feminina negra não pode se dar apartado das questões interseccionais que o constituem, como veremos a seguir, na análise do conto “Roselily”, de Alice Walker.

“Roselily”

Ela sonha. (WALKER, 1998, p.13)

Nosso primeiro gesto analítico se materializa pela apreciação do nome da personagem do conto analisado: “ROSELILY”, que, numa tradução para o português, é ROSA + LÍRIO. Assim questionamo-nos: que efeitos de sentido e significação encontramos neste nome, que é a junção do nome de duas flores tão diferentes? Para responder a estes

questionamentos, iniciamos uma “leitura” analítica do referido conto.

“Roselily” é o primeiro dos treze contos escritos por Alice Walker, da obra “De amor e Desespero: Histórias de Mulheres Negras”, publicada em 1967. Trata-se de uma narrativa que dá a conhecer a primeira das treze mulheres que vive uma relação de amor e de desespero ante às condições de produção das mulheres na nossa sociedade. Walker mostra nesse conto, a princípio, é algo que acontece com inúmeras mulheres no mundo todo, principalmente com mulheres negras e pobres, pois são elas as menos privilegiadas estruturalmente e são também as mais vulneráveis frente a todos tipos de opressão. Entendemos que se trata de um texto de não-ficção na ficção, retratando aspectos pouco representados, mas facilmente existentes.

A personagem Roselily é uma afro-americana do Mississippi, cristã, e mãe de três filhos, que se viu obrigada a casar com um mulçumano. O marido se difere muito da pessoa que ela é, da vida que ela tem. O casamento foi uma opção plausível diante do cenário de sua vida à margem de uma sociedade sem muita perspectiva de ascensão social, econômica.

A narrativa é apresentada em 3ª pessoa e se passa no final dos anos 60, no momento do casamento da personagem com um mulçumano que não respeita sua religião (católica), pois exaltaria o ‘Deus errado’, tampouco aceita sua cultura, sua história de vida e suas origens:

Adiante ele vê os ocupantes dos automóveis, rostos brancos grudados a expectativas de algo mais do que um casamento no campo, as narinas como a de um cão farejando uma trilha. [...] É... tudo muito informal. É isso que agrada os negros do interior. Para ele, eles estragam a cerimônia. (WALKER, 1998, p.13)

No processo narrativo, é possível observar sentidos diversos que se filiam a questões ideológicas constituintes da trajetória da personagem: na história narrada ela está se casando com um mulçumano, porém ela é cristã. De acordo com o Alcorão, livro sagrado dos mulçumanos, é permitido casamentos inter-religiosos entre homens muçulmanos e mulheres de outras religiões. Mas não o contrário. E a partir do momento do casamento, a mulher passa a se converter à religião do marido, abrindo mão de sua religião anterior e cultura. De acordo com Aïcha El Hajjami (2008):

A condição de inferioridade e precariedade a que está confinada a maior parte das mulheres muçulmanas, revela principalmente a hegemonia de uma mentalidade e de um sistema patriarcal que instrumentaliza sua leitura da religião para legitimar as situações de dominação, de violência e de exclusão em relação às mulheres. (HAJJAMI, 2008, p.107)

Na cultura Islâmica, como em grande parte do mundo, tem-se como padrão social o patriarcalismo, em que o homem tem o controle do relacionamento. E a partir daí, percebemos que existe aí uma relação de força. Há também um silenciamento que atravessa as diferenças entre as duas personagens, interferindo nos sentidos sobre a mulher negra que, ligada a questões de gênero, classe e raça, são produzidos no imaginário social de que ela é um objeto. E no caso do seu futuro marido, um mulçumano, a questão da religião pesa sobre ela, pois, na cultura dele,

A condição de inferioridade e de precariedade (...) são oriundas principalmente da hegemonia de uma mentalidade (de um sistema) patriarcal que instrumentaliza sua leitura da religião para legitimar as situações de dominação, de violência e de exclusão em relação

às mulheres. (HAJJAMI, 2008, p.110)

Ao avançarmos na leitura do conto, assistimos a um casamento ocorrido numa pequena cidade dos Estados Unidos, no final dos anos 60, que é visto sob os olhares curiosos e alegres dos negros daquela comunidade. Ao mesmo tempo, tomamos conhecimento do olhar depreciativo por parte do noivo, que despreza o povo negro e cristão. Essa postura pode ser entendida por meio da compreensão de questões histórico, culturais e ideológico, tendo em vista que diversos povos, numa perspectiva eurocêntrica, inferiorizam a raça negra, e se veem como detentores do saber e do poder, pois eles têm “as próprias noções de superioridade racial, seu imperialismo político, seu desejo de dominar e escravizar” (HOOKS, 2021, p. 30).

Nota-se assim que a visão de superioridade do patriarcado faz parte do processo de colonização que o negro sofreu por tantos séculos, aceitando uma condição de subordinação. Como destaca Hooks (2019), para o colonizador:

[...] em qualquer situação colonial é dado que o poder colonizador supõe que sua cultura é inerentemente superior à dos colonizados. Portanto, ele se dá o direito [...] de explicar isso a seus súditos, tornando o colonizado ainda mais acomodado à “condição material” de sua dominação pelo senhor colonial, ainda mais submisso à inevitabilidade da exploração material pelo colonizador. (HOOKS, 2019, p. 271)

Em relação à mulher negra, o imaginário vai além de uma questão de gênero há aí também o princípio de relação da condição de submissão da mulher ante ao homem, seja por sua classe, seja pela sua religião, seja pela sua cor. A mulher negra, segundo hooks (2021), traz consigo “o imaginário de

uma sexualidade objetificada, (...) em diferentes épocas.” (HOOKS, 2021, p. 21). Nesse sentido, compreendemos que:

Quando a raça e a etnicidade são codificados como recursos para o prazer, a cultura de grupos específicos, assim como os corpos dos indivíduos, pode ser vista como constituinte de um playground alternativo onde os integrantes das raças, gêneros e práticas sexuais dominantes afirmam seu poder em relações íntimas com o Outro. (HOOKS, 2021, p. 57)

É pelo atravessamento dos marcadores de gênero, raça e classe que podemos observar a importância de um olhar interseccional sobre esta produção literária: a personagem é descrita mulher, negra, pobre e cristã. Em outras palavras, há todo um imaginário historicamente construído que é atualizado na composição da personagem em estudo.

No caso do casamento, existe um imaginário social de que a mulher deve obedecer, acima de tudo, ao seu esposo, recolhendo-se à esfera privada do lar, desempenhando seu papel de subserviência. Assim, uma vez que o processo de formação da personagem está ligado a esses valores vigentes na sociedade, classificando o que pode ou não ser feito, é preciso que estejamos atentos para não legitimar diferenças supostamente naturais. Sobre essa questão, Bourdieu (2012) afirma que:

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (...) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo. (BOURDIEU, 2012, p.; 17)

Essa naturalização no processo de formação da mulher negra pode se tornar perigosa quando é usada para justificar uma série de violências e anulações que, muitas vezes, agem de modo silencioso. Na personagem Roselily, observa-se que quando ela reflete sobre si, tomamos conhecimento do modo como ela é afetada por uma ideologia patriarcal que resulta na imposição que lhe foi dada:

Ela pensa em cordas, correntes, algemas, a religião dele. Seu templo. Onde ela deverá se sentar separada, com a cabeça coberta. O respeito, uma oportunidade de obtê-lo. Os filhos afinal libertados da humilhação. Uma oportunidade de estar por cima. Que alívio, pensa. (WALKER, 1998, p.14.)

Nosso gesto analítico, nos permite compreender que esse fazer literário emerge de narrativas complexas e intensas, ancoradas no social e na história, dando a conhecer o modo de funcionamento das formas de significação da mulher negra. Nesse sentido, a narrativa de Walker, utilizando-se do poder da linguagem, apresenta personagens que, mesmo aceitando a condição do que lhe é imposta pelo sistema, mostram-se questionadoras desse sistema. Revolucionárias, elas ousam questionar sua condição.

aperta as flores que estão em suas mãos, sufocando três, quatro, cinco anos de vida (WALKER, 1998, p.20)

Na narrativa em análise, Walker produz esse movimento de problematizar da condição e da existência da mulher negra à medida que descreve uma mulher que vive uma contradição: ao mesmo tempo que pensa numa vida em que ela não tem noção do que ocorrerá, do que viverá, ela também

tem dentro de si uma esperança de uma vida melhor, com 'respeito' e consideração por parte do homem com quem ela compartilhará o restante de sua vida. Sobre essa questão, Bourdieu, (2012) assevera que:

não vemos como poderia emergir na consciência a relação social de dominação que está em sua base e que, por uma inversão completa de causas e efeitos, surge como uma aplicação entre outras, de um sistema de relações de sentido totalmente independente das relações de força (BOURDIEU, 2012, p. 17)

A contradição constitutiva do conto em estudo pode ser entendida como um elemento essencial para desestabilizar os sentidos historicamente produzidos em torno da mulher negra. As dúvidas da personagem também produzem seus efeitos no funcionamento dessa contradição: de um lado, há um novo mundo que a espera e que não imagina como seja; de outro lado, a condição de seu futuro marido, um homem que veio de um lugar com tradições, costumes e religião diferentes das suas:

Ela pensa no homem que será seu marido; sente-se isolada dele pela severa rigidez de seu terno preto e simples. Sua religião. Toda uma vida de preto e branco. Ela se pergunta como criar novas raízes. Não faz a menor ideia. E o que se faz com as recordações quando se inicia uma vida nova? Isso parecia fácil até ela pensar no assunto. (WALKER, 1998, p.15)

Observamos assim que a construção da personagem traduz em palavras as emoções vivenciadas por muitas mulheres negras que são silenciadas na e pela sociedade. Tal silenciamento leva à aceitação de sua condição de subordinação e aceitação em contextos diversos. Isso ocorre com diferentes grupos sociais considerados como minorias e inferiores e que, por isso acreditam que têm mais a perder e do que a ganhar.

Walker (1998) narra e resgata a história das mulheres negras com sensibilidade e intensidade e conseguimos articular aqui, uma análise interseccional dessa condição de subalternidade a qual essas mulheres foram colocadas, num olhar teórico analítico que nos indica marcadores sociais ligados à sua história, desde a ancestralidade, quando fala sobre suas recordações, da religião, ao citar uma vida em 'preto e branco' e sobre suas condições futuras, ao refletir sobre 'criar novas raízes'.

Nesse sentido, na obra de Alice Walker tal se encontra presente ao demonstrar em textos variados que a herança cultural e as raízes são ensinadas e passadas de geração em geração. Aquele que as possui verdadeiramente faz uso delas, dos preceitos ancestrais, no dia a dia de sua vida. (SALGUEIRO, 2020. p.104)

É o apelo ideológico que perpassa a construção desta personagem e é encontrado em muitos momentos deste conto, trazendo questões reflexivas que conduzem a personagem a ocupar uma determinada posição na sociedade e a se identificar com determinados grupos sociais, inconscientemente.

Ele a vê de uma nova forma.(...) Mas será que essa nova forma é suficiente? Ela gostaria de saber como será. Não ter de ir ao trabalho. Não ter de trabalhar em confecção. (...) Seu lugar será dentro de casa. (...) Quando estiver repousada, o que irá fazer? Terão filhos. (...) Isso não lhe traz alívio. (WALKER, 1998, p.17)

Para Hooks (2021), a "criança ferida dentro de muitas mulheres é uma menina que foi ensinada desde os primórdios da infância que deveria se tornar outra coisa que não ela mesma e negar seus verdadeiros sentimentos, para atrair e agradar os outros". Ou seja, o que resta à personagem é aceitação, com ou sem amor, pois ela foi criada

para isso.

Ela nem mesmo sabe se o ama. Ela ama sua sobriedade. Sua recusa a cantar só por saber a melodia. Ama seu orgulho. (...) Ama a compreensão que ele tem da 'condição' dela. Acha que ama o esforço que ele fará para remodelá-la, transforma-la realmente no que ele deseja, sua total consciência de quanto ela não foi amada antes" (WALKER, 1998, p.17)

E falando de amor, talvez o fato de ela nunca ter sido amada seja um dos motivos que a levam a se conformar com a vida que a espera. O casamento é uma fuga, uma solução. E o amor? Hooks (2021) considera que os homens são criados, através do sistema patriarcal, para serem vistos como superiores e viris. E muitos deles utilizam do amor do outro como poder de dominação e controle:

A masculinidade patriarcal exige que meninos e homens não só se vejam como mais poderosos e superiores às mulheres, mas que façam o que for preciso para manter sua posição de controle. (...) Uma suposição bem aceita em uma cultura patriarcal é de que o amor pode estar presente em uma situação na qual um grupo ou indivíduo domina outro. (HOOKS, 2021, p. 73)

A autora afirma que "amar bem é a tarefa em todas as relações significativas, não apenas nos laços românticos" (HOOKS, 2021, p.153), mas na relação da personagem Rose Lily, não há amor. Há apenas aceitação pela 'oportunidade' que lhe foi dada. Junto a isso, vem um sentimento melancólico.

[...] uma tristeza insuportável. Melancolia. Lembra-se de que está afinal se casando, como qualquer outra. (...) Parece – lhe que algo vem subindo até seus olhos. É como se fosse um rato encurralado, entocado, correndo de um lado para o outro em sua cabeça, espiando pelas janelas de seus olhos. Ela quer viver por uma vez que seja. Mas nem sabe

bem o que isso significa. (WALKER, 1998, p. 18)

Para Hooks (2021), mesmo o movimento feminista tendo lutado insensatamente contra um sistema que busca subalternizá-las, “o pensamento patriarcal ainda é a norma dos que estão no poder”. Por isso, a condição de subsistência e aceitação da mulher negra diante de uma situação difícil, por conta desse sistema colonial que insiste em reduzir sua existência, mostra a necessidade de “questioná-lo e alterá-lo de modo a oferecer a mulheres e homens a oportunidade de levarem uma vida mais satisfatória.” (HOOKS, 2021. p. 120).

A construção das personagens, nesse texto, mostra que existe uma estrutura social dominante, num contexto que entende o casamento como única saída não para a felicidade, mas para a sobrevivência. Isso mostra a ‘violência simbólica’ como já citada anteriormente, em que a mulher sempre estará submissa ao homem por conta de sua vulnerabilidade social. E é de fato interessante observar o poder que as ‘convenções’ podem trazer na vida de uma mulher que se submete ao silenciamento para manter um casamento.

Eis a forma de funcionamento da ideologia patriarcal afetando as personagens femininas dos contos de Walker, sobretudo, porque as mulheres constituem um dos seres mais marcados pelas posturas ideológicas patriarcais, pois para seu futuro marido, há o interesse e o poder de ter um sistema que o protege: “ele está em pé à sua frente. Esmagado pelos convidados que querem cumprimenta-lo. Ele não olha para trás” (WALKER, 1998, p. 18).

Entretanto, na esteira das formas de resistência abordadas na obra, Walker expõe uma mulher submissa ao que lhe foi reservado, mas que carrega consigo uma carga de determinação e coragem para que a mesma

conseguisse manter algo que pertence somente a ela, uma sensação de ser oprimida, mas não vencida, pois a “sobrevivência das mulheres negras passa pela recuperação e manutenção da rica herança de seus ancestrais” (WALKER, 1998, p.17).

Hooks (2020) considera que é importante não se conformar com o ‘desamor’ que foi imposto nas relações socioafetivas por tantos séculos nas relações entre mulheres e homens por conta de uma cultura que impõe aos homens ignorar seus sentimentos e consequentemente os de suas parceiras:

[...] precisamos reunir nossa coragem coletiva e encarar que o desamor em nossa sociedade é uma ferida. Ao nos permitirmos reconhecer a dor dessa ferida quando ela perfura nossa carne e sentir nas profundezas de nossa alma uma angústia profunda do espírito, passamos a ficar frente a frente com a possibilidade de conversão, de termos uma transformação em nosso coração. Desse modo, o reconhecimento da ferida é uma bênção, porque somos capazes de cuidar dela, de cuidar da alma de formas que nos deixam prontos para receber o amor que nos é prometido. (HOOKS, 2020, p. 229)

O que podemos observar é que a construção da personagem feminina neste conto expõe uma contradição que lhe é constitutiva. E ela não tem opção, a não ser ceder. Aceitar parece uma resposta possível, uma estrutura preferível, mesmo que dentro de si ela saiba que não é a resposta, pois mesmo o seu silêncio é carregado de sentidos, desejos e força.

A quebra do padrão eurocêntrico na literatura, faz-se necessário na medida que, somente a partir dessas mudanças a sociedade pôde pensar e agir de uma forma diferente, sem preconceito e/ou discriminação, levando ao espaço literário uma nova visão de ser social, trazendo para a negra uma identidade única, com uma não-limitação

de seus escritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, selecionamos como objeto de estudo o conto “Roselily”, da obra de Alice Walker, “No Amor e no Desespero: História de mulheres negras”, no qual mostrou a história de uma personagem que vivencia um debate interno, sobre seu futuro no exato momento de seu casamento. É uma história sobre os sacrifícios que as mulheres negras fazem para sobreviver e reflete as experiências de mulheres negras que viveram no Sul na época do movimento pelos Direitos Civis, final dos anos de 1960.

Na construção de Roselily, há um predomínio dos valores patriarcais, no que se refere a sua condição de vida futura da personagem: casar e servir ao seu marido e se restringir ao ambiente doméstico. Mais que isso: seu futuro marido é mulçumano, ela cristã. Religiões bem distintas e que, pelas regras culturais da época, ela teria que abrir mão da sua.

A narrativa mostra sentimentos tolhidos por ela na qual se contradiz sobre sua condição: ora privilegiada, por achar um marido que a amará e a respeitá, ora duvidosa, por não ter certeza se aquela condição a fará feliz. A contradição de seus pensamentos se liga ao seu nome: Roselily, duas flores diferentes. De um lado a rosa, que representa o amor, a felicidade, do outro, o lírio, que a depender do tipo, pode indicar paz, serenidade, mas também morte.

São narrativas e construções discursivas diversas em que a personagem pode ser vista como um sujeito em suas trajetórias de vida, assim como ocorre com muitas mulheres negras, pois “a partir de aspectos de identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, assim como de outras que são o produto de várias histórias e culturas interconectadas”

(SALGUEIRO, 2020. p.103).

Observando as relações de força no conto analisado, nos direciona a entender que a personagem Roselily, enquanto sujeito, está inscrito e interpelado pela história, expressando “emoções massacradas, silenciadas e oprimidas por muitos séculos (...) que nascem da exclusão, da pobreza, da desigualdade social.” (SALGUEIRO, 2020, p. 102) Também nos traz um sujeito afetado pelo inconsciente e pela ideologia, que passa por um processo de vulnerabilidade, mas que pode, como diz Orlandi (2013) “significar e significar-se (...) tornar possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação (...) da realidade em que vive. (ORLANDI, 2013, p.15)

E a partir das intersecções entre gênero, raça, classe, religião e etnia, observamos as relações de forças marcadas entre o sujeito, em seu contexto amplo, que se constrói num atravessamento de marcadores sociais, demonstrando uma estrutura social dominante ligada ao sistema patriarcal, limitando o poder da personagem negra, impondo a ela sentimentos negativos.

A ampliação de uma escrita que traga mulheres negras como foco, questionando a dominação masculina e o racismo, e viabilizando espaços que fortaleçam sua condição, é essencial e a literatura é um desses espaços, pois a linguagem é “um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem – e, como tal, representa uma ameaça” (HOOKS, 2019, p. 36).

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. Introdução à literatura negra. Brasília: Brasiliense, 1998. p.20-22.

BILGE, Sirma, Collins Patricia Hill. Interseccionalidade [recurso eletrônico]; tradução

- Rane Souza. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Ed. Bertand Brasil. 11ª edição. 2012.
- CHRISTIAN, Barbara. A Disputa de Teorias. Revista Estudos Feministas. [online] Janeiro, 2002, vol.10 n.1 p.85-97.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado, Brasília, n. 1, v. 31, p. 99-127, 2016. Disponível em: scielo.br/j/se/a/MZ8tz-zsGrvmFTK Fqr6GLVMn/? Format =pdf&lang=pt Acesso 22 de agosto de 2023.
- COLLINS, Patricia Hill. Interseccionalidade [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge; Tradução Rane Souza. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: consciência do conhecimento e a política de fortalecimento. Trad: Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) contemporânea. Nadilza Moreira & Liane Schneider, (orgs). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa, 2005.
- FUNCK, Susana Bornéo. A de(s)mitificação do mito na poesia contemporânea nos Estados Unidos. In: GOTLIB, Nádia Batella. A mulher na Literatura. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG 1990, p.13-19.
- HAJJAMI. Aïcha El. A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. Tradução: Silvana Ruffier Scarinci. Cadernos Pagu. 2008:107-120.
- HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista in: Dossiê Feminismo E Antirracismo. Rev. Bras. Ciênc. Políticas. 2015.
- HOOKS, Bell. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante 2019.
- HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.
- MORITZ, Ana Paula. Literatura e interseccionalidade: "A Resposta" de Kathryn Stockett e os lugares de fala subalternos. Revista Desigualdade & Diversidade. Rio de Janeiro, n. 18, p. 55-69, 2020.
- ORLANDI, Eni. P. Análise de Discurso: princípios & procedimentos. 8ª ed. Campinas: Pontes, 2013.
- SADLER, Darlene J. "Pós-colonialismo, feminismo e a escrita de mulheres de cor nos Estados Unidos." Revista Estudos Feministas [online] vol.8. IndianUniversity-loming. http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/volume8 Darlene pos-colonialismo.
- SALGUEIRO. Maria Aparecida Andrade. Escrivência: conceito literário de identidade afro-brasileira in: Escrivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. (orgs) Ilustrações: Goya Lopes. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- WALKER, Alice. De amor e Desespero: Histórias de Mulheres Negras; Tradução: Waldéia Barcellos. Editora Rocco, 1998.
- WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres e outros artigos feministas. Trad. Denise. Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.

